

Construção de navio de pesquisa oceanográfica recebe apoio financeiro da Alerj



OCÍACILIO BARBOSA / ALE RJ

Estudantes de Oceanografia, professores e funcionários da Universidade acompanharam a entrega do cheque no valor de R\$ 1,6 milhão feita pelo presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj), deputado Jorge Picciani, ao Reitor Ricardo Vieiralves, no dia 15 de setembro. O repasse da verba, oriunda dos recursos orçamentários da Assembleia, foi aprovado por unanimidade pela Mesa Diretora da Alerj e o dinheiro será usado exclusivamente para finalizar as instalações do navio de pesquisa oceanográfica multiusuário da Universidade. O custo total da construção da embarcação, que está sendo finalizada no Ceará, está em torno de R\$ 7 milhões e o valor doado pela Assembleia será somado aos recursos obtidos junto à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), à

Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e ao próprio orçamento da universidade.

Segundo o professor Marcos Bastos, um dos responsáveis pelo projeto e diretor do Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável da UERJ, a verba recebida será utilizada em serviços de acabamento e na aquisição dos equipamentos necessários e complementares para a operação do navio, que está em fase final de construção. O navio de pesquisa oceanográfica multiusuário permitirá uma formação mais sólida dos estudantes da Oceanografia, atendendo as quatro áreas do curso: Oceanografia Física, Oceanografia Química, Oceanografia Biológica e Oceanografia Geológica, mas também foi planejado para apoiar outras unidades acadêmicas da Universidade que trabalham com as ciências

do mar, como a Geologia, a Biologia e a Geografia. A embarcação possui 30,5 metros de comprimento e cerca de 7,5 metros de largura e pode trabalhar distante da costa, com uma autonomia para permanecer até 12 dias no mar. Com capacidade para 14 pessoas com pernoite e podendo navegar com 35 pessoas sem o pernoite, o navio foi projetado para ter espaço no convés (área aberta na parte traseira da embarcação) de modo a receber *containers* modulares adaptados para laboratórios e possibilitar a realização de várias atividades extensionistas.

“Construído com a finalidade de auxílio à pesquisa, à formação de mão de obra qualificada e com capacidade técnica instalada na própria Universidade, a embarcação tem entrega prevista para o final de novembro”, informa o professor Marcos Bastos.

Exposição de livros indígenas retorna à Ilha Grande

"Sem livros indígenas ou Cem livros indígenas?" A questão dá nome à exposição organizada pelo Programa de Estudo dos Povos Indígenas (Pró-índio), vinculado à Faculdade de Educação. Depois de passar pelo salão do Núcleo de Memória, Informação e Documentação da Rede Sirius, pela Galeria Gustavo Schnoor e pelo Centro Cultural (espaços do *campus* Maracanã), pelo Museu do Índio, pelos municípios de São Pedro da Aldeia, Saquarema e Campos dos Goytacazes, pelo Centro Cultural do Abraão e pelo Ecomuseu Ilha Grande, a mostra voltou à Ilha, dessa vez no Centro Cultural Constantino Cokotós, entre 16 e 30 de agosto.

A exposição reuniu cem livros selecionados a partir de três categorias: didáticos, produzidos em língua indígena e/ou portuguesa por professores indígenas letrados para seus alunos de escola bilíngue; de escritores indígenas que exploram temas de sua cultura, mas escrevem em português para o leitor não-indígena; e com narrativas míticas de circulação oral, traduzidas e escritas coletivamente ou por anônimos com a assessoria de antropólogos ou linguistas.

Segundo o professor José Ribamar Bessa, coordenador-geral do projeto



de extensão Pro-índio, uma "literatura oral", independente da escrita — e não exatamente "carente" de escrita, conforme o entendimento dos colonizadores europeus —, foi desenvolvida pelos povos indígenas e é ignorada pela maior parte dos brasileiros. Isso se deve, segundo o professor, ao desconhecimento das línguas indígenas e ao preconceito em relação ao fato de ser uma "literatura" que permaneceu muito tempo no campo da oralidade.

Conforme dados do Censo 2010 (IBGE), vivem atualmente no Brasil mais de 890 mil índios pertencentes a 305 etnias que falam 274 línguas diferentes.

"Entre eles", exemplifica Bessa, "os Wajãpi, do Amapá, que usam desenhos como forma de expressão complementar à sua tradição oral, e aos quais incorporaram o texto escrito. Eles receberam títulos de Patrimônio Cultural do Brasil (IPHAN, 2002) e de Obra-Prima da Humanidade (UNESCO, 2003)."

Participaram também da exposição obras dos povos Ashaninka, Asurini, Baniwa, Dessana, Galibi, Guajajara, Guarani, Kaiguang, Kadiweu, Karajá, Karipuna, Kaiapo, Krenak, Kaxinawa, Kuikuro, Katukina, Krahô, Kaxinawa, Kiriri, Macuxi, Maxacali, Mehinako, Munduruku, Nambiquara, Palikur, Panaká, Pareci, Pataxó, Potiguara, Rikbaktsa, Satere Maué, Taurepang, Tenharim, Terena, Ticuna, Tukano, Tupiniquim, Umutina, Waimiri Atroari, Wapixana, Xacriabá, Xavante, Xerente, Xokleng, Xucuru, Yanomami, Yawanawá, Yawalapiti e Zo' é.

Criado durante a Rio 92 (conferência sobre meio ambiente que reuniu na cidade mais de 100 chefes de Estado para debater formas de desenvolvimento sustentável), o Pró-índio procura produzir conhecimento sobre os povos indígenas do Brasil, subsidiar o sistema escolar indígena e difundir a contribuição dos índios para a história e a cultura brasileiras.

Olimpíada no *campus* Maracanã homenageia professor Marcus Pingo

Cerca de 800 alunos, divididos em 26 equipes, participaram de competições (futsal, basquete, vôlei, handebol, tênis de mesa, corrida, judô, fut7 e xadrez) na primeira quinzena de agosto, em Olimpíada organizada pelo Diretório Central de Estudantes, pelo Instituto de Educação Física e Desportos e pelo Centro Acadêmico de Educação Física Alberto Latorre de Faria.

O evento recebeu o nome de Marcus Pingo, apelido do professor Marcus Flávio do Amaral Vasconcellos, que se encontra hospitalizado, após ter sido baleado num assalto em abril desse ano.



Entrevista

Prof. João Cezar de Castro Rocha, presidente da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC)

Qual é a importância da ABRALIC para os profissionais de literatura comparada?

A ABRALIC é a maior associação da área na América Latina e reúne em seus congressos cerca de 2.000 pessoas dos cinco continentes. É uma oportunidade importante para trocar ideias e, sobretudo, trabalhos de autores associados à literatura comparada dos mais diversos países.

Quais são os principais eventos promovidos pela Associação para divulgar os estudos em literatura comparada?

Toda a diretoria da ABRALIC assume formalmente o compromisso de organizar dois eventos: nos anos pares o Encontro Nacional e nos anos ímpares o Congresso Internacional, o grande evento da ABRALIC. Vamos realizar na UERJ, de 26 a 30 de setembro de 2016, um encontro internacional e, em 2017, outro encontro ainda maior para o qual esperamos cerca de 3.000 participantes.

O próximo Congresso Internacional tem como tema “Experiências Literárias, Textualidades Contemporâneas”. O que significa essa escolha?

Um tema central hoje é que o suporte da experiência literária deixou de ser exclusivamente o texto impresso. Atualmente as pessoas escrevem em todos os lugares, o tempo todo — seja em SMS, em WhatsApp ou em outros aplicativos que tornaram a escrita e a leitura (ao contrário do que muitos pensavam) não em uma experiência do passado, mas a definição do próprio presente. Nunca se escreveu e se leu tanto quanto agora. Nossa ideia é ampliar ao máximo a noção de experiência literária, de modo a não naturalizar a associação entre literatura e texto impresso. A proposta é que a experiência literária possa ocupar suportes e materialidades muito diversos. A temática do Congresso, “Experiências literárias, textualidades

Professor de Literatura Comparada do Instituto de Letras da UERJ, João Cezar de Castro Rocha foi eleito presidente da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) em julho de 2015, durante o XIV Congresso Internacional, realizado na Universidade Federal do Pará. Graduado em História, João Cezar possui mestrado e doutorado pela UERJ e o título de doutor em Literatura Comparada pela Stanford University (EUA) com pós-doutorado pela Freie Universität de Berlim (Alemanha). Suas pesquisas têm como tema estratégias de apropriação cultural, nas quais investiga obras de Oswald de Andrade e Fernando Ortiz. Sua experiência se concentra nas áreas de literatura brasileira, literatura comparada, cultura brasileira, crítica literária, teoria literária e dependência cultural.



contemporâneas”, será definidora dos eventos em 2016 e 2017 e boa parte das principais palestras dialogará com essa temática.

Há outras formas de divulgação do que é debatido nesses eventos?

A ABRALIC tem uma revista *on-line*. Pretendemos criar uma série de livros que estarão gratuitamente disponíveis para download e ativar uma página do Facebook, de modo a tornar a ABRALIC uma experiência mais cotidiana para os seus associados. Nossa principal proposta é internacionalizar e atualizar a Associação a partir do uso das redes sociais e a partir da presença frequente em eventos de associações similares à ABRALIC.

Quais são os principais pontos a serem trabalhados na sua gestão?

Nosso principal objetivo é mudar a mentalidade da ABRALIC. Ela é a maior associação latino-americana da área mas nem sempre é visível internacionalmente. Queremos tornar torná-la visível internacionalmente e pretendemos

que a Associação tenha uma presença cotidiana na vida dos profissionais associados à área. No momento, a ABRALIC, em geral, existe apenas durante a realização dos eventos. Acreditamos que uma chave para conseguir isso é a internacionalização, permitindo que profissionais da área entrem em qualquer *site*, de qualquer associação importante do mundo e encontrem o link da ABRALIC. Assim os eventos da Associação vão fazer parte do calendário oficial de eventos da área de Letras.

O quê essas ações podem gerar para a UERJ?

Acredito que o simples fato de ser a maior associação latino-americana da área é fundamental para um dos aspectos estratégicos da UERJ, pois contribui para a internacionalização da Universidade. Atualmente, a internacionalização é o índice mais valorizado no ranking das universidades em todo o mundo. Uma universidade que não se internacionaliza não tem visibilidade e a UERJ precisa ter uma

CONTINUAÇÃO DA P. 3

visibilidade internacional cada vez maior. Diria que pouquíssimos eventos na Universidade terão a repercussão internacional dos nossos eventos em 2016 e 2017. Do ponto de vista da internacionalização, esse é um momento estratégico. Do ponto de vista da pesquisa é igualmente estratégico, porque se tudo der certo uma das nossas ideias é publicar em 2017 um livro que vai poder ser baixado gratuitamente na internet, em português, inglês e espanhol (se tivermos recursos, também em francês), com uma antologia de ensaios de professores universitários brasileiros. Essa é outra forma de pensar a internacionalização, porque esta não é possível sem a circulação do pensamento produzido no Brasil em inglês e espanhol.

Como se sentiu ao ser eleito presidente da ABRALIC?

Fiquei muito feliz, é uma grande honra e é evidente que pode ser algo muito importante para o Programa de Pós-graduação em Letras e para a UERJ. Essa é a principal razão pela qual eu aceitei – muito honrado, naturalmente. Todos os Programas de pós-graduação são avaliados pela Capes a cada quatro anos e a internacionalização é um critério muito importante nessa avaliação. Não pode haver nada mais internacional do que sediar dois encontros da ABRALIC: se realizarmos o que temos em mente, que é a internacionalização da Associação sediada durante dois anos na UERJ, automaticamente o sucesso da ABRALIC reverterão em uma imagem positiva para o Programa e para o projeto estratégico da Universidade.

Faculdade de Odontologia inaugura Auditório Reitor Ricardo Vieiralves



PRISCILA DOMINGUES

As instalações do Auditório com capacidade de 100 lugares

A Faculdade de Odontologia inaugurou em cerimônia realizada no dia 2 de setembro o auditório Reitor Ricardo Vieiralves de Castro, localizado no Pavilhão Mario Franco Barroso, em Vila Isabel, com capacidade para 100 pessoas.

Segundo a diretora da Faculdade, Maria Isabel de Castro de Souza, a escolha do nome do Auditório foi aprovada por unanimidade: "Levei essa indicação para ser votada no Conselho porque na história da Faculdade de Odontologia o professor Ricardo foi o Reitor que, nos seus dois mandatos, acreditou no nosso trabalho e nós, como unidade acadêmica, demos resposta à Universidade. A gestão dele acreditou no nosso trabalho e foram essas as ponderações que fiz".

O Reitor não pôde comparecer ao evento e foi representado pela

Sub-reitora de Pós-graduação e Pesquisa, Monica Heilbron. Em carta enviada à diretora da Faculdade e lida durante a cerimônia, o professor

Ricardo Vieiralves pediu desculpas pela ausência e agradeceu a homenagem: "Minhas obrigações como Reitor da UERJ me obrigam às vezes a cometer algumas indelicadezas. A homenagem com a qual a Faculdade de Odontologia me honrou, creio que de maneira generosa, é um precioso

reconhecimento. Tenho admiração profunda Odontologia da UERJ, sua qualidade acadêmica reconhecida e pelo compromisso com a nossa Universidade". Entre os presentes à cerimônia estiveram o diretor do Centro Biomédico, Mario Sergio Carneiro, e o vice-diretor da Faculdade de Odontologia, Ricardo Guimarães Fischer.

SEGUNDO A DIRETORA DA FACULDADE, A ESCOLHA DO NOME DO AUDITÓRIO FOI APROVADA POR UNANIMIDADE PELO CONSELHO DEPARTAMENTAL



Reitor: Ricardo Vieiralves Vice-reitor: Paulo Roberto Volpato

Diretoria de Comunicação Social • Direção: Sonia Virgínia Moreira Informe UERJ – Edição de texto: Graça Louzada Apoio editorial:

Aline Magioli, Lorena Forti e Priscila Domingues Fotos: Andréia Rêgo Projeto Gráfico e editoração: Rafael Bezerra • Tiragem: 1.000 exemplares

Impressão: Gráfica UERJ • Contato: comuns@uerj.br